

DOCUMENTÁRIO

A INTRODUÇÃO DO BAGAÇO DE CANA, COMO COMBUSTÍVEL, NOS ENGENHOS DE AÇÚCAR COLONIAIS.

(Contribuição para o estudo das técnicas de produção, através da História do Brasil)

Ao findar o século XVIII, o panorama econômico do Brasil era sombrio, em virtude da decadência da mineração que fôra o grande esteio econômico, não só das colônias luso-brasileiras, como do Reino durante quase um século.

Até o último quartel do setecentismo, o ouro monopolizara tôdas as atenções das autoridades metropolitanas, enquanto que as outras formas de produção estavam mais ou menos estagnadas, a não ser aquelas que tinham sua prosperidade estreitamente vinculada à euforia aurífera, como por exemplo a produção de gêneros alimentícios, a criação de bovinos (que fornecia as carnes para as populações mineradoras), a cultura do tabaco e a feitura da aguardente (artigos êsses que valiam como moeda, na compra de escravos para as minas), a criação de burros e de mulas para os transportes, etc.

Tôda a forma de produção que não se condicionara à prosperidade da região aurífera, desaparecera ou permanecia estacionária, sem estímulos para se desenvolver e sofrendo a tremenda concorrência que as minas ofereciam no setor da mão de obra escrava.

Ao declinar o século XVIII, estando as minas praticamente exauridas e sendo a colheita dos quintos cada ano mais minguada, o governo luso voltou-se para as riquezas tradicionais da Colônia, tentando provocar um renascimento da agricultura e se interessando pelo aperfeiçoamento da técnica, em vários setores da produção.

Percorrendo volumoso maço de manuscritos inéditos do Departamento do Arquivo do Estado de São Paulo, de fins do século XVIII, encontramos evidentes sinais dessa preocupação nova e sadia com o renascimento da agricultura e com o melhoramento das técnicas, em diversos campos da atividade rural da colônia.

Em numerosas cartas régias vemos sugestões para a proteção à classe dos lavradores e para impedir o êxodo das populações

dos campos para a cidade. Ao mesmo tempo, a Corôa faz imprimir, por sua conta, livros sôbre várias espécies de cultura e os remete para o Brasil, ordenando sua distribuição entre as classes interessadas; fomenta a introdução de bois e arados nas lavouras, etc.

No setor das técnicas, o govêrno luso recomenda o uso do bagaço de cana, como combustível, nos Engenhos e procura introduzir, nas zonas pastoris, a indústria de conservação da carne de boi (xarque).

Procurando incentivar as riquezas tradicionais do Brasil, as autoridades metropolitanas davam sinais inequívocos de que se libertaram, por fim, da cegueira e da obsessão dos metais e pedras preciosas.

*
* * *

A indústria açucareira, durante quase todo o século XVIII, rastejara em lamentável decadência, esmagada nos mercados externos pela concorrência antilhana e, internamente, sofrendo a concorrência vitoriosa das Minas Gerais, no tocante à mão de obra escrava (1).

Para a indústria açucareira, a maior parte do século XVIII foi de dificuldades em todos os terrenos, e, assim sendo, é natural que nenhuma inovação técnica ocorresse na produção do açúcar, pois que tôdas as atenções se fixavam sôbre a produção aurífera.

Um aspecto da técnica da produção do açúcar que queremos ressaltar neste trabalho, é o referente ao combustível usado nos Engenhos. No Brasil colonial, usava-se unicamente a lenha nas caldeiras que purificavam os açúcares. Antonil, em certo trecho de sua preciosa obra, afirma:

“Querem as fornalhas, que por sete ou oito mezes ardem de dia e de noite, muita lenha, e, para isso he mister dous barcos velejados para se buscar nos portos, indo hum atraz do outro, sem parar e muito dinheiro para a comprar; ou grandes mattos, com muitos carros e muitas juntas de boi para se trazer...” (2).

O que representava em dinheiro êsse consumo intenso de lenhas, em fornalhas que ardiam noite e dia, durante 3/4 partes do ano, era uma verdadeira fortuna. A consequência desse gasto, na destruição de nossas matas, é fácil de se avaliar, sendo de notar que

(1). — Os escravos africanos dirigiam-se em massa para as lavras auríferas de além Mantiqueira, atraídos pelos altos preços que os mineradores pagavam, sem regatear, pelos “fôlegos vivos”. E até mesmo os escravos dos engenhos eram levados para as minas, pois vendendo os escravos para os mineradores, por preços elevados, os donos de engenhos conseguiam prolongar a sobrevivência econômica.

(2). — Antonil, “Cultura e Opulência do Brasil”, pág. 68.

a falta de lenha, pelo exgotamento e destruição das matas, foi uma causa freqüente do abandono de Engenhos (3).

Nas possessões inglesas e francesas das Antilhas, desde os fins do século XVII, já era corriqueiro o uso de outro combustível nos Engenhos, ao lado da lenha: o bagaço da própria cana, já moída. Esse bagaço, que nas propriedades açucareiras do Nordeste brasileiro constituía apenas montes e montes de lixo, verdadeiros trambolhos inaproveitados, representava nas Antilhas importante papel, como combustível, determinando enorme economia de lenha (4).

No Brasil, só ao findar o século XVIII e, portanto, com um século de atraso, é que a Corôa vai recomendar a adoção dessa técnica antilhana. E' o que verificamos da leitura do manuscrito inédito que a seguir reproduzimos.

*

* *

DOCUMENTO N.º 1

“Sua Magde. desejando promover por todos os meios a felicidade dos seus vassallos, q' depende em geral, digo em grande parte da abundancia das producções do proprio Paiz, a qual só se pode conseguir pello augmento da Agricultura; ou seja introduzindo novos artigos de Cultura ou apreheçoando os antigos methodos de cultivar o Terreno, e recolher e preparar as suas produções, com estes fins manda recomendar a V. S. procure introduzir nessa Capitania o uzo de Bois e arados, para cultivar as Terras, com os quaes se poupão muitos braços q' se podem empregar em outras couzas igualmente interessantes; assim como a Economia das Lenhas particularmente nas Fornalhas dos Engenhos de Assucar, inculcando o Methodo de Queimar as canas já moidas, como praticão os Ingleses e Francezes nas Antilhas. E para que estas interessantes praticas se possão conseguir mais facilmente manda recomendar a mesma Senhora a V. S. q' veja se lhe é possível persuadir as Cameras q' estabeleção premios para aquelles Agricultores q' primeiro as introduzirem. Com o mesmo fim manda Sua Magde. recomendar a V. S. que Ordene a Meza da Inspeção dessa Capitania q' Remeta a esta Secretaria d'Estado a descripção dos methodos que actualmente se praticão para a cultura e manipulação dos Generos q' se exportão das Colonias, assim como das Maquinas de q' se servem para Limpar e descascar o Algodão e Cafê, particularmente de tudo o q' diz respeito ao Assucar, Fornalhas, Engenhos e Depuração do mesmo. Ds. Ge. a V. S. Palacio de Queluz em 4 de Janeiro de 1798. D. Rodrigo de Souza Coutinho. Snr. Antonio Manoel de Mello Castro e Mendonça” (5).

- (3). — Antonil, “Cultura e Opulência do Brasil”, pág. 71 e Caio Prado Jr. “História Econômica do Brasil”, pág. 96.
(4). — A. P. Canabrava, “Um capítulo da História das técnicas no Brasil”, in Rev. da Universidade de São Paulo, n.º 1, 1950.
(5). — Ms. I. do Arquivo do Estado de S. Paulo. Livro n.º 106. Livro de Registro de todos os officios enviados ao Gov. e Capitão General da Capitania de S. Paulo, Snr. Antônio Manoel de Mello Castro e Mendonça e dos officios do mesmo governador aos Vice-Reis e Ministros. 1797 a 1802.

D O C U M E N T O N.º 2

“Do Referido Secretario d’ Estado sobre induzir maior facilidade e melhor methodo na cultura e preparo das produções do Pais e outros objectos que abaixo se declarão.

O grande augmento de riqueza, de que são susceptíveis os Dominios Portuguezes no Brasil, se nelles se introduzir huma maior facilidade nos trabalhos, e hum melhor methodo de Cultura e preparo das produções do Paiz fez que Sua Mage. tenha mandado imprimir huma Collecção de Instrucções colligidas do que a experiencia tem mostrado ser mais util e vantajozo entre as outras Nações, cujas colonias tem chegado a hum grao de prosperidade, que dá bem a conhecer as utilidades que se seguirão se nós adoptassemos os mesmos principios de Agricultura e preparação dos Generos que ellas seguem, e que agora vão dar a conhecer a esses Habitantes. O que prezentemente se remette a V. S. e o que por ora está prompto hé um livro sobre o Assucar, de que lhe remetto sessenta Exemplares para que V. S. por meio das mezas de Inspecção ou das Cameras ou das pessoas, que lhe parecer, os faça vender a dez tostõens cada hum e remetta a sua importancia ao Official Mayor desta Secretaria d’Estado para indemnizar a Fazenda Real do custo da impressão desta e das outras publicações, que se irão continuando em beneficio do Brazil. Ds. Ge. a V. S. Palacio de Queluz, em 3 de Abril de 1798. D. Rodrigo de Souza Coutinho. Snr. Antonio Manoel de Mello Castro e Mendonça” (6).

*

* *

Diante do interêsse régio pelo progresso da técnica de produção do açúcar, houve no Nordeste brasileiro tentativas de adoção do bagaço de cana como combustível nos Engenhos. Não se obteve, porém os resultados esperados. E’ que não se tratava de simples troca de combustível, de mera substituição da lenha pelo bagaço de cana, mas de uma correspondente adaptação do equipamento dos Engenhos ao novo material que se queimava (7). Não havendo a concomitante modificação do maquinário do Engenho, as tímidas tentativas de introdução do uso do bagaço de cana, como combustível, nos Engenhos, redundaram em fracasso.

Descrevendo essas improficuas tentativas, Francisco José de Portugal, em carta a D. Rodrigo de Souza Coutinho, atribuiu o insucesso da tentativa à impericia dos técnicos dos Engenhos ou a defeitos das fornalhas e aconselhou a Corõa a mandar às Anti-

(6). — Ms. I. do Arquivo do Estado de São Paulo, Livro n.º 106, de Registro de todos os officios ao Gov. e Capitão General da Capitania de S. Paulo, Snr. Antonio Manuel de Mello Castro e Mendonça, e dos officios do mesmo governador aos Vice-Reis e Ministros, 1797 a 1802.

(7). — A. P. Canabrava op. cit.

lhas uma ou mais pessoas hábeis, para conhecerem de perto a nova técnica em todos os seus detalhes e poderem introduzi-la entre nós:

... “A vista do que fica exposto, só se poderá por em pratica aquele methodo se S. M. for servida mandar às mencionadas Ilhas huma ou mais pessoas habeis, que depois de fazerem as observações necessarias e as instruirem, venham a esta Capitania introduzil-o, de que na verdade, sendo bem sucedido, podem esperar utilidades incalculaveis e será sem duvida abraçado pelos Senhores de engenho...” (8)

MAFALDA P. ZEMELLA

Doutora em Ciências e auxiliar de ensino da Cadeira de História da Civilização Brasileira da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo

(8). — Carta de Francisco José de Portugal a D. Rodrigo de Souza Coutinho, Bahia, 28 de Março de 1798. (Apud F. B. Barros, “Novos Documentos”, pág. 162).